

**IV PROJETAR 2009  
PROJETO COMO INVESTIGAÇÃO: ENSINO, PESQUISA E PRÁTICA  
FAU-UPM SÃO PAULO BRASIL  
Outubro 2009**

**EIXO: SITUAÇÃO**

**A arquitetura e as novas memórias**

Cêça Guimaraens

arquiteta e pesquisadora do CNPq  
professora associada da UFRJ / PROARQ - FAU

## **A arquitetura e as novas memórias**

Cêça Guimaraens, arquiteta e pesquisadora do CNPq  
professora associada da UFRJ / PROARQ - FAU

### **Resumo**

A comunicação apresenta os processos de pesquisa e de ensino de projeto desenvolvidos na disciplina “Projeto de Arquitetura para a Cultura” da FAU/UFRJ. Na disciplina, criada em 1997 com a denominação “Arquitetura de Museus e Centros Culturais”, verifica-se que a seleção, revalidação e releitura de acervos museológicos representativos de diferentes grupos sociais, geraram, em tempos recentes, novos padrões físicos para os espaços culturais.

Portanto, quando vistos pelas diretrizes da Nova Museologia e, ao mesmo tempo, do ponto de vista do turismo e do mercado de arte, os programas arquitetônicos reforçam a condição educativa e a amplitude da “missão social” e da programação das atividades tanto em antigos museus quanto em novos “lugares de memória”.

Os exercícios projetuais e teórico-críticos tiveram como objetivo destacar as relações da arquitetura dos edifícios e da comunicação museográfica junto aos diversos públicos. Desse modo, visavam compreender os fundamentos e as referências dos mais recentes projetos de museus de “comunidades”, estudar os edifícios históricos adaptados para exposições de arte contemporânea, projetar a renovação de museus tradicionais e propor o roteiro cultural do Centro do Rio de Janeiro.

Palavras-chaves: arquitetura de museus, projeto de arquitetura, Museologia

### **Abstract**

Architecture and the new memories

Cêça Guimaraens, architect, CNPq Researcher and Associated Professor at UFRJ / PROARQ - FAU

The communication presents the processes of researching and teaching of a project developed with students of the discipline “Architectural Project for Culture” at FAU/UFRJ. In the development of the discipline, created in 1997 under the denomination of “Museums and Cultural Centers”, it is verified that the selection, revalidation and rereading of museological representative collections by different social groups have generated, in recent periods, different patterns for museum’s spaces. Therefore, when seen by the directives of the New Museology and, at the same time, from the point of view of touristic industry and of the art market, the architectural programs reinforce the educative condition and the amplitude of the museum “social mission”. Then, the spaces and of the calendar of events, as much in ancient museums as at new “places of memory”, are similarly improved. Projectual and critical-theoretical exercises of the students had their aim on highlighting the relations of the architecture of the buildings and of the museographical communication around different audiences. Thus, they aimed to understand the bases and the references of most recent projects of “communities” museums, to study the historical buildings adapted for contemporary art’s exhibitions, to project the renovation of traditional museums and to propose the cultural itinerary in downtown Rio de Janeiro.

Key-words: museum architecture, architectural design, Museology

## Resumen

La arquitectura y las nuevas memorias

Cêca Guimaraens, arquitecta, investigadora del CNPq y profesora asociada en la UFRJ  
PROARQ - FAU

Esta ponencia trata de las tareas de docencia e investigación, realizadas con los alumnos del curso "Proyecto de Arquitectura por la Cultura", en la FAU/UFRJ. A lo largo del desarrollo de la disciplina, creada en 1997 bajo la denominación de "Museos y Centros Culturales", se verificó, a través de la selección, evaluación y lectura de los fondos museográficos representativos de diferentes grupos sociales, la existencia de nuevos patrones espaciales en los museos contemporáneos. Por lo tanto, desde el punto de vista de las directrices de la Nueva Museología, y desde la perspectiva del turismo y del mercado artístico, los programas arquitectónicos refuerzan la función educativa y la dilatación de la "misión social" de los espacios y de las programaciones, tanto en los antiguos museos como en los nuevos "lugares de la memoria". Los ejercicios proyectuales, teóricos y críticos desarrollados por los alumnos, tuvieron el objetivo de resaltar las relaciones de la arquitectura de los edificios y la comunicación museográfica con los diferentes niveles del público. De esta manera, se intentó comprender los fundamentos y las referencias contenidas en los recientes proyectos de los museos "comunitarios"; estudiar los edificios históricos adaptados para las exposiciones de arte contemporánea, proyectar la renovación de los museos tradicionales y proponer un guión cultural para el Centro de Río de Janeiro.

Palabras llaves: arquitectura de museos, proyecto, museología

## Introdução

Os museus e os centros culturais são o melhor meio para conhecer, ao vivo e a cores, os produtos da democracia. Neste sentido, a universalidade da importância e do papel da arquitetura dos edifícios de museus amplia cada vez mais o número de ações de socialização do conhecimento aí empreendidas.

Destaca-se, ainda, que existe hoje, no Brasil e no mundo, uma reconhecida busca pela criação, fortalecimento e modernização de novos e tradicionais lugares de memória. No caso das cidades, tais espaços fazem parte de estratégias de desenvolvimento econômico, imprimindo papel importante à conservação de núcleos e áreas históricas. Verifica-se, também, que os investimentos em serviços ligados às diferentes comunidades, ao turismo e à melhoria da qualidade de vida urbana têm efeitos positivos quando estão relacionados à promoção de eventos educacionais em museus, centros e 'pontos' de cultura.

Por outro lado, a quantidade crescente de museus e centros culturais com finalidades e interesses difusos leva a observar que os recursos para o adequado agenciamento físico e operacional desses novos espaços deveriam crescer no mesmo nível.

No entanto, hoje, ainda não estão muito visíveis as dificuldades que a produção e interpretação da cultura nas instituições culturais tradicionais e nas comunitárias vem enfrentado.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Os museus de comunidade se dedicam a fortalecer áreas, redes urbanas e grupos étnicos antes marginalizados, caso dos museus de quilombos, de favelas e de escolas de periferias.

Em paralelo, verifica-se que a recuperação de áreas centrais de grandes, médias e pequenas cidades está focada —e dependente—, da renovação e adequação de uso de edifícios históricos destinados às atividades de educação patrimonial, aliando esse fato à promoção de lugares que contem os acervos museológicos de artes, ciências e história.

Ao discorrer sobre esses temas, este artigo comenta os trabalhos desenvolvidos pelos alunos e pesquisadores da disciplina Arquitetura de Museus e Centros Culturais e do Grupo de Estudos de Arquitetura de Museus no Departamento de Projeto de Arquitetura e no Programa de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ.

Os museus e centros culturais são componentes essenciais das redes de produção e promoção da cultura e devem, cada vez mais, ser objetos das ações de formação de recursos humanos de modo a ampliar a competência e a especialização nessa temática.

Admite-se, portanto, que o IV Projetar é excepcional fórum para o registro, apresentação e discussão de trabalhos voltados para a pesquisa e a prática do ensino do projeto de arquitetura de museus.

Considera-se, enfim, o decisivo papel das universidades para a ampliação das condições de conservação e gestão desses espaços que são preservados por implícito valor cultural simbólico e, assim, são de uso reconhecidamente educativo.

## **O ensino de projeto de arquitetura de Museus e Centros Culturais**

Destaca-se, inicialmente, que, em 2009, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, os estudos de Arquitetura de Museus e Centros Culturais estão a completar a década inicial de produção ininterrupta de atividades de pesquisa e ensino que integram o campo da Arquitetura ao da Museologia.

Do ponto de vista administrativo-didático, no final da década de 1990, a disciplina “Arquitetura de Museus e Centros Culturais” foi instituída no Departamento de Planejamento de Arquitetura na categoria de disciplina optativa. Em 1996, a ementa da disciplina estabelecia que o curso abordaria os aspectos e componentes arquitetônicos dos espaços destinados às atividades museológicas e culturais, visando o conhecimento dos processos de elaboração e análise de projetos de arquitetura e de edifícios destinados a estas finalidades.

O entendimento e a crítica dos aspectos relativos à formação e aos atuais condicionantes dos espaços museológicos observavam a conservação, manutenção e dinamização das áreas de exposição e ainda a reabilitação e adaptação técnica dos edifícios históricos para as atividades museológicas.

As categorias da arquitetura que dizem respeito à função e espaço, uso e forma, e escala e contexto, foram enfatizadas com base na perspectiva histórica dos conceitos da instituição “museu”, os quais, admitia-se, fundamentaram a tipologia arquitetônica dos museus modernos.

Dessa maneira, estudava-se a diversidade formal e programática de espaços culturais diferenciados que configuravam o tipo e os modelos da arquitetura de edifícios de museus e de centros difusores da cultura museológica.

As aulas teóricas e os seminários envolviam a leitura e discussão de projetos e textos. A iconografia e as visitas a museus e centros culturais da cidade do Rio de Janeiro complementaram os estudos que tratavam da aplicação dos conceitos acima referidos e a comparação de indivíduos tipológicos arquitetônicos.

Essas leituras e discussões dirigidas fundamentaram os levantamentos, análises e diagnósticos da realidade concreta dos museus cariocas face à expansão e modernização internacional da tipologia.

Naquela década final do século XX, que marcou a criação da disciplina Museus e Centros Culturais, os artigos de Josep Maria Montaner “Museu contemporâneo: lugar e discurso”, e de Ruth Verde Zein, “Duas décadas de arquitetura de museus” e “Museus em sete versões”, publicados na edição nº 144 da Revista Projeto no ano de 1991, foram referências bibliográficas fundamentais.

As ampliações conceituais também foram encontradas em outros textos e inúmeros projetos. Dentre as leituras se destacaram os livros *Musei, Architettura i Técnica* de Robert Aloi, de 1962; e *Historia de las tipologias arquitectónicas* de Nikolaus Pevsner, editado em 1973; o artigo “A arquitetura dos museus e os museus e a urbanística moderna” de Franco Albini divulgado por Lina Bo Bardi na revista Habitat em 1954; e as crônicas de Teixeira Coelho e Oscar Tusquets, respectivamente intituladas “Arquimuseus” e “Templos anacronicos, el museo como casa del placer”, publicadas nas revistas AU, nº 31, em 1990, e Arquitectura Viva, nº 40 do ano de 1995.

Os projetos das “filiais” do Guggenheim em várias cidades, destacando o de Bilbao, de Frank Gehry, e o de Jean Nouvel para o Rio de Janeiro; o Centro Georges Pompidou e a transformação da Gare d’Órsay foram objetos de intensas discussões e pretensos encantamentos.

As obras dos arquitetos Richard Meier e Tadao Ando, junto com as realizações de arquitetos alemães e holandeses, e a novíssima geração de criadores japoneses, foram comparadas com os projetos da primeira e segunda geração de modernistas.

Além dos museus de Le Corbusier, Mies Van der Hohe, e Philip Johnson, as propostas de Lucio Costa, Lina Bo Bardi, Oscar Niemeyer, Afonso Eduardo Reidy e Paulo Mendes da Rocha foram estudadas, pois, além de contextualizar o século XX, essas obras contribuíram para a consolidação das idéias modernistas e a criação da mentalidade preservacionista em nosso país.

As edições temáticas dos periódicos Architectural Digest, Arquitectura Viva, Architecture: arts et techniques, Architecture D’Aujourd’Hui, Museum, Projeto, AU, Revista de Museologia e Ottagono, e sites na Internet complementaram a bibliografia utilizada na disciplina ao longo dessa década inicial.

As leituras diziam respeito aos conceitos gerais e significados da arquitetura de museus e centros culturais, compreendendo a forma e a função desses edifícios na atualidade. O estudo de tais categorias observava também a classificação dos acervos museológicos e a relação destes com os principais espaços externos e internos dos edifícios.

Desse modo, o programa de necessidades espaciais, as articulações funcionais, os espaços expositivos e as reservas técnicas também foram estudados face às tecnologias de conservação e comunicação mais atuais.

As resoluções internacionais determinaram a especial atenção aos “usuários” do edifício, fossem estas pessoas ou acervos. Assim, as possibilidades e as condições de

acesso universal aos acervos foram observadas à luz das diretrizes expressas em Cartas Patrimoniais.

Observa-se, neste sentido, que a “missão” institucional e, em consequência, a amplitude do alcance social dos museus e centros culturais, é identificada por meio da percepção dos acervos e consolidada na programação de atividades.

Destaque-se, portanto, que, na pesquisa e no ensino de projeto, o edifício do museu foi considerado na condição de acervo. Assim, a promoção e a segurança foram abordadas de modo a garantir as diferenças de apreensão dos significados da arquitetura e dos objetos expostos pelos visitantes.

Conforme antes comentado, a estrutura e o desenvolvimento do programa da disciplina objetivavam o conhecimento crescente de conceitos e dos tópicos relativos aos componentes espaciais e tecnológicos. Esta dinâmica da análise permitiu a compreensão da hierarquia dos espaços internos e a relação destes com o entorno do edifício.

A definição e hierarquização de indicadores físico-ambientais e histórico-simbólicos dessas áreas foram sugeridas com base na leitura de textos de Aldo Rossi, Kevin Lynch, Christopher Alexander e Gordon Cullen.

Em consequência, o uso e a eficácia da infra-estrutura funcional foram observados com base na consideração dos elementos de dinamização da arquitetura dos edifícios que possibilitavam ampla acessibilidade e segurança de acervos e usuários.

Desse modo, além da importância da liberdade ampla — decorrente da adequação dos equipamentos de circulação vertical e horizontal, e da ergonomia dos suportes e mobiliário —, com que as áreas de dinamização educativa e os percursos deveriam acolher o visitante, foram estudados os sistemas de orientação e sinalização, iluminação e climatização, e registro, documentação, informatização e midiatização, onde se incluem os recursos digitais e os laboratórios técnicos para conservação e restauro.

As atividades da disciplina integravam comparativamente os conteúdos e resultados da pesquisa. Para tanto, compreendiam a análise de exemplos representativos do desenvolvimento tipológico nacional e internacional; o levantamento de edifícios de museus e centros culturais do Centro do Rio com a produção de relatórios de visitas compostos de fichas de levantamentos e diagnósticos elaborados por meio de ensaios visuais e iconográficos.

Os trabalhos e relatórios parciais e finais eram apresentados em padrões gráficos e digitais, de maneira que os conteúdos teóricos e textuais fossem complementados com suportes visuais do tipo painéis, fotografias, transparências, diapositivos, vídeos etc.

Em 2001, 2003 e 2005 foram realizados os seminários internacionais “Museus, Arquitetura e Reabilitação urbana”, “Museus e Cidades” e “Museografia e Arquitetura de Museus”. Nesses encontros foram tratadas as iniciativas que ampliavam o potencial colaborativo entre criadores, promotores e gestores da arquitetura e de edifícios de museus.

Ao lado das observações sobre os projetos museológicos e a tipologia formal e funcional dessas instituições, destacou-se nesses encontros a temática de amplo âmbito social que, cada vez mais, envolvia o cumprimento das metas de governos nacionais e estrangeiros nos setores de educação, turismo e cultura.

Um dos principais resultados do processo de ensino de projeto de arquitetura de “Museus e Centros Culturais” foi o aumento significativo do número de TFGs desenvolvidos por vários professores da FAU, na última década, com base nos conteúdos da disciplina.

Neste sentido, destacam-se os trabalhos de graduandos que foram indicados à seleção interna de representantes da FAU/UFRJ nos concursos Opera Prima; e os trabalhos publicados na revista Academia.

Dentre os TFGs desta temática que orientei, denoto a renovação de uso do Automóvel Clube de Artur Rodrigues; a requalificação do Museu Nacional de Belas Artes, elaborada por Camille Bretas; a Expansão do Museu Histórico Nacional, proposta por Mauricio Alves de Castilho; e o Pavilhão para Visitantes do Centro Cultural Casa das Canoas de João Gilberto Braga.

Figura 1. Intervenção arquitetônica no Museu Nacional de Belas Artes. Trabalho Final de Graduação. Graduanda Camille Bretas, Orientadora professora Cêça Guimaraens, UFRJ-FAU, 2008.

Além disso, os estudos e pesquisas produziram acervos de fotografias, textos e trabalhos disciplinares regulares sobre os diferentes tipos de museus, a apresentação e a publicação de artigos em anais de seminários e encontros acadêmicos, e a participação em Jornadas de Iniciação Científica, Assessorias e Concurso de Projetos.

Finalmente, observa-se que o conhecimento sobre as formas responsáveis de uso e modernização dos edifícios de museus e das respectivas áreas de entorno histórico permite o atendimento do mercado, o aperfeiçoamento das capacidades e o aumento das potencialidades dos estudantes.

Assim, estudantes, professores e profissionais das instituições envolvidas estão a ampliar a qualificação museológica e a instrumentalização do campo museográfico no Brasil por meio do ensino de projeto em nível de graduação e pós, atividades de extensão e verificação de resultados diretos dessas pesquisas em arquitetura de museus e centros culturais.

Na reforma curricular do ano de 2008, os conteúdos da disciplina “Arquitetura de Museus e Centros Culturais” foram inseridos na disciplina “Projeto de Arquitetura para a Cultura”. Classificada na condição de obrigatória optativa, essa disciplina também abrange os estudos de outros tipos arquitetônicos, ou seja, bibliotecas, teatros e espaços complementares de igual finalidade.

## **Os eixos e os focos das pesquisas**

No ano 2000, o projeto de pesquisa “A importância dos espaços culturais para a requalificação de centros urbanos” do Grupo de Estudos de Arquitetura de Museus do Programa de Pós Graduação em Arquitetura foi aprovado pela Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – Faperj.

Os trabalhos então propostos objetivavam, em linhas gerais, verificar a importância dos museus na requalificação dos centros urbanos e a renovação e valorização do entorno dos principais museus do Centro do Rio. Nessa perspectiva, a verificação da reabilitação do entorno imediato dos edifícios de museus se justificava tanto em razão da abordagem dos estudos considerar a importância da adequação e apropriação de

uso destes edifícios para a requalificação urbana, quanto pelo fato de serem os mesmos tombados ou preservados por meio de legislação de proteção do patrimônio cultural.

O período estudado enquadrado o final da década de 1980 até o momento, atendendo ao fato desta ser a fase em que a produção e a promoção de atividades culturais, no Rio de Janeiro, atravessaram períodos de renovação.

Junto com as atividades didáticas citadas, essas pesquisas complementaram a formação e a melhoria dos níveis de instrumentalização dos alunos, integrando o ensino de graduação à pós-graduação.

Assim, no Grupo, os estudantes verificaram a propriedade da mudança da função original e as reais possibilidades da adequação técnica para a função cultural de museus que estão instalados em edifícios históricos.

Nas primeiras etapas, os pesquisadores realizaram o inventário arquitetônico dos principais museus do centro do Rio de Janeiro, por meio de visitas de campo e levantamentos de dados com aplicação de questionários, fichas base e entrevistas.

Além disso, pretendia-se verificar as possibilidades de retorno da aplicação de recursos financeiros junto às instituições governamentais promotoras da lei de incentivo fiscal; e, finalmente, produzir um *site* na *internet* para divulgação dos resultados.

Figura 2. *Site* do Grupo de Estudos de Arquitetura de Museus, UFRJ – PROARQ-FAU

A pesquisa indicou que o estudo da morfologia de tipos arquitetônicos museológicos deveria incluir a avaliação das condições físico-ambientais e o estudo da paisagem e do urbanismo, pois as utopias modernizantes do início do século XX reiteradamente reforçavam a função social da arquitetura e dos, então, novos programas arquitetônicos, onde se incluíam os museus e bibliotecas, hoje conhecidos na condição de “lugares de memórias”.

Nesse contexto, não restam dúvidas sobre a forma com que a geração heróica do movimento moderno arquitetônico é reconhecida por suas intenções sociais e assumidamente públicas.

Ainda nessa perspectiva, a historiografia da Museologia no Brasil enriqueceu a pesquisa quando, nesses estudos, foi abordada a relação entre as políticas de governo e as ações de preservação do patrimônio arquitetônico. Verificou-se, assim, que as ações preservacionistas agregaram a importância simbólica dos edifícios de museus para os diferentes grupos sociais.

Portanto, do ponto de vista do espaço físico, a aferição da qualidade e da adequação técnica de casas históricas destinadas a museus, tornou-se tema ainda mais relevante quando se verificou que, ao lado da prestação de serviços, na atualidade, a permanência dos ambientes e dos elementos característicos originais é tendência implementada e incentivada nessas instituições.

## **Os museus e centros culturais no Centro do Rio**

No Rio de Janeiro, desde a década de 1980, os processos de recuperação do Centro envolvem diretamente os museus e os centros culturais. Essas instituições, ao



receberem significativos apoios e aportes financeiros do poder público e da iniciativa privada, vêm reanimados o discurso e a prática de projetos de renovação arquitetônica.

Admitindo-se que a articulação entre as instituições museológicas do centro do Rio constitui uma rede de edifícios cuja arquitetura estabelece um conjunto representativo da formação e da importância regional e nacional da cidade, os trabalhos de pesquisa se desenvolveram nos edifícios do Museu Histórico Nacional, Centro Cultural Banco do Brasil, Paço Imperial, Museu Nacional de Belas Artes, Museu de Arte Moderna e Centro de Artes Hélio Oiticica.

O roteiro de itens estudados abrangeu a delimitação conceitual e física do entorno compreendendo o levantamento de dados físicos básicos sobre a situação e localização na malha urbana; os tipos de usos e níveis de acessibilidade; a legislação de proteção aplicável; as intervenções e obras de proteção realizadas; e as perspectivas e tendências de renovação.

Apesar das progressivas ações de renovação empreendidas, observou-se que, até o momento, nenhum “grande museu” do Centro do Rio formulou um grande passo no sentido da modernização programática e físico-espacial.

Entretanto, importa registrar as reformulações e renovações espaciais significativas realizadas no Museu Histórico Nacional e no Museu Nacional de Belas Artes desde 1994.

Figura 3 Reserva Técnica do Museu Nacional de Belas Artes. Foto Cêça Guimaraens, 2007.

O Museu Histórico Nacional foi o primeiro edifício pesquisado. Essa escolha foi determinada do ponto de vista da importância histórica e social, e, portanto, simbólica, pois o Museu Histórico Nacional é considerado o mais antigo museu do Centro da cidade do Rio de Janeiro.

O MHN foi criado por Gustavo Barroso — polígrafo e político que antecedeu Rodrigo Melo Franco na defesa institucional do patrimônio histórico e artístico brasileiro, e também o criador da Delegacia de Monumentos.

O edifício é identificado na condição de conjunto arquitetônico constituído pelo prédio do antigo Arsenal de Marinha, construído em 1764, e pela Casa do Trem, depósito de material bélico da artilharia portuguesa na época.

Figura 4 Mapa de localização do Museu Histórico Nacional. Desenho de Juliana Castelo Branco, 2002.

Na ocasião das comemorações do Centenário da Independência, em 1922, o conjunto edificado foi reformado segundo projeto de estilo neocolonial, elaborado pelos arquitetos Archimedes Memória e Francisque Couchet. Esta reforma e as inúmeras alterações motivadas pelos diversos usos motivaram o adiamento do tombamento federal que ocorreu no ano de 2002, quando a instituição tornou-se octogenária.

No entanto, formado por salas conectadas e pátios internos distribuidores, o museu “sobreviveu” todo esse tempo em meio às intervenções urbanas que incidiram sobre o centro da cidade, resistindo às demolições de exemplares híbridos existentes nas imediações, ocorridas até à década de 1970 com o aval do Iphan.

Recentemente, as propostas e obras de reabilitação da área central do Rio, destacando o projeto da Frente Marítima de Oriol Bohigas e Nuno Portas, contribuíram para fortalecer o processo de restauração do MHN que foi, de fato, implantado pouco a pouco desde 1979, quando grande parte dos museus existentes no Brasil passou à gestão do Iphan.

Desde 2002, os espaços internos do MHN vem sendo renovados, buscando formas e perspectivas de períodos anteriores que sejam adequadas à expografia contemporânea. Esse projeto é desenvolvido pelos técnicos da instituição liderados pelo arquiteto e museógrafo Luiz Carlos Antonelli com o apoio de arquitetos convidados.

O valor histórico do edifício e do entorno, e também a complexidade da função que o caracteriza na condição de maior museu histórico nacional, garantem as possibilidades e o sucesso dessas obras de modernização.

Além do projeto arquitetônico e das obras de expansão dos espaços expositivos e da reserva técnica, a importância da instituição, tradicionalmente geradora de atividades de ensino e cultura, impulsiona a continuidade das ações de readequação arquitetônica e técnica do conjunto construído.<sup>2</sup>

Destacam-se, neste processo, a recuperação total dos pátios, os novos jardins e a praça que limitam o acesso principal e fachada norte do conjunto, projetadas pelo escritório Burle Marx.

Deve-se observar, entretanto, que o acesso principal, que foi deslocado para uma das portas laterais, reduziu a importância e a apropriação da espacialidade do pátio da Minerva, a tradicional e mais adequada área de distribuição do circuito.

Embora, de maneira geral, as alterações funcionais do roteiro museográfico tenham resultado em maior lógica para o percurso das exposições permanentes, a renovação do módulo Arte Sacra não logrou melhores resultados, pois o espaço arquitetônico não contribui para tanto.

Além da apropriação de novas salas para as exposições de arte contemporânea, está em andamento o novo projeto para o circuito permanente, o que permitirá outras avaliações da renovação do projeto museológico e museográfico do MHN.

## **Novos processos em processo: redes e visitantes**

Os livros *Quadro da arquitetura no Brasil* do professor Nestor Goulart Reis Filho, *Evolução urbana da cidade do Rio de Janeiro* de Maurício Abreu e o ensaio “Marcos históricos e configurações espaciais (um estudo de caso: os centros do Rio de Janeiro)” da arquiteta e pesquisadora Rachel Sisson, foram utilizados para fundamentar o conceito de rede e a delimitação do roteiro de museus e centros culturais do Centro do Rio.<sup>3</sup>

---

2 O curso de Museologia foi criado por Gustavo Barroso e administrado durante muito tempo no MHN.

3 Essas são as referências bibliográficas mais utilizadas em estudos de aspectos históricos e formais, quando as temáticas envolvem a formação do Centro e a constituição do patrimônio edificado da cidade do Rio de Janeiro.

O enquadramento das afirmações de senso comum contribuiu para a verificação do grau de importância da arquitetura de edifícios de museus para a manutenção da condição de centralidade do Centro da cidade do Rio de Janeiro.

Neste sentido, usei articular a idéia de criação de rede de centros de cultura, defendida por Reis Filho, aos conceitos e método analítico sugeridos no artigo de Sisson.

No prefácio, Reis Filho explica que o conteúdo de seu livro foi elaborado entre 1962 e 1963 e editado em 1972 com “roupagem nova”. No capítulo “Sobre o patrimônio de cultura”, o último do livro, Reis Filho trata da “atualidade” da gestão do patrimônio cultural no sentido da realização de programas culturais “criativos”. O autor também expõe suas idéias sobre a situação do patrimônio arquitetônico do estado de São Paulo sugerindo que a renovação de uso é medida eficaz para a permanência das construções históricas.

O programa arquitetônico de centro cultural, afirma ele, e a quantidade e a localização dos edifícios seriam fatos indutores para a criação de uma rede de centros de cultura. Nesses espaços, o artista e o povo poderiam exercer atividades criativas e agregadoras, o que contribuiria para a educação patrimonial e consolidaria a idéia de preservação das construções históricas.

Neste sentido, escreveu Reis Filho:

“Para o aproveitamento de seu potencial humano e de seu patrimônio de cultura, falta ao Estado um esquema de organização apropriado, isto é, falta uma rede de centros de cultura a partir dos quais seriam coordenadas, em todas as áreas, as atividades culturais. Esses centros podem ser instalados em edifícios restaurados ou conservados, obras arquitetônicas representativas de cada fase, que seriam, desse modo, postas em contato permanente com o público, confirmando e reforçando sua destinação cultural. Utilizado dessa forma, o patrimônio de arte e história do Estado pode, por sua vez, ser beneficiado com aumentos substanciais de recursos para a sua preservação, que se justifica com a nova finalidade”. (1972: 203)

O artigo da arquiteta e pesquisadora Rachel Sisson, cujos conteúdos existem em outras versões e em um livro lançado em 2008, discorre sobre a historicidade de fatos arquitetônicos e urbanos do ponto de vista das representações do poder político-administrativo. Com base nas considerações da autora, posso afirmar que os estilos arquitetônicos e a estrutura espacial dos diferentes sistemas do poder instituíram a cidade-patrimônio no Rio.

Ao recorrer às imagens que Sisson utiliza para demonstrar a mobilidade das representações da centralidade do poder em diferentes épocas da formação do centro da cidade, redesenhei os seus mapas esquemáticos para, a esses, sobrepor outras interpretações das arquiteturas dos edifícios de museus.

Figura 5. Rede de museus do Centro do Rio. Desenho de Juliana Castelo Branco, 2002.

Assim, as relações espaciais dos principais museus e centros culturais do Centro do Rio de Janeiro foram refeitas e possibilitaram verificar que, ao lado do Museu Histórico Nacional, o centro representativo da Colônia em conformidade com o descrito em Rachel Sisson, ainda é configurado no Paço Imperial, misto de shopping cultural e galeria de arte contemporânea.

Na rede que engendrei com as palavras de Reis Filho para desvendar o Centro das diferentes tendências dos muitos ecletismos, encontrei o MNBA e o Centro de Arte

Hélio Oiticica. O museu da avenida Rio Branco faz parte do conjunto da praça Floriano, e o centro de arte, localizado junto ao beco do Tesouro e na esquina das ruas Luís de Camões e Imperatriz Leopoldina ‘conforma-se’ com a ambiência da praça Tiradentes.

A condição sociológica do Centro de Artes Helio Oiticica deriva das intenções contidas nas obras deste artista. Ele, com os “Parangolés” e “Penetráveis”, possibilitou a apropriação da sua arte pelo público antes desprezado nas galerias. No CAHO do Rio as prostitutas, vestidas com as obras de Oiticica, anunciam os novos tempos para os habitantes das imediações.

As origens das praças e dos entornos desses museus são, hoje, as representações das fases que, embora tardias, pode ser classificadas de imperial e republicana. Na seqüência, o centro republicano poderia ser também representado no edifício do Centro Cultural Banco do Brasil, sendo que o centro modernista conteria o edifício do Museu de Arte Moderna.

Para os estudos do público visitante dos museus considerou-se, em primeiro lugar, que o sistema Sphan/FNpM criou uma rede de museus e casas históricas. Nessa rede, essa instituição promoveu a utopia em que todo cidadão brasileiro, então travestido em povo e não mais em elite, fixaria e exerceria a cidadania por meio do exercício da cultura, com a qual construiria e re-construiria a própria história.<sup>4</sup>

Portanto, a pesquisa também analisou e articulou alguns fatos registrados sobre o “público” no Boletim Sphan/FNpM.<sup>5</sup>

Verificou-se, de início, que desde 1970, o sempre renovado ‘espírito’ do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, surgido em 1937, pretendeu alargar e dar mais a conhecer aos cidadãos o imenso e amplo acervo que deveria preservar.

Para tanto, essa instituição manteve uma política de preservação que visou, primordialmente, tornar todos os documentos da formação e da memória nacional acessíveis a todos. Este objetivo foi desenvolvido com a colaboração da Fundação Nacional pró-Memória, criada em 1979 e extinta em 1990 no governo Collor.

No Boletim nº 42 do sistema SPHAN/FNpM, uma das principais fontes da pesquisa, e dedicado especialmente ao I Seminário Museus Nacionais: perfil e perspectivas, realizado em junho de 1988, os comentários do palestrante americano Thomas Seligman informavam que existia nos Estados Unidos “quatro mil museus, jardins botânicos, zoológicos e centros de arte classificados como de caráter beneficente, isentos de impostos”.

---

4 No final da década de 1970, o sistema IPHAN-FNpM criou o programa de Museus e Casas Históricas quando inúmeros imóveis foram desapropriados e adaptados para formar uma singular rede de centros de cultura e difusão da ideologia patrimonial. Na condição de postos avançados do “Patrimônio”, os museus e casas históricas desempenharam seu papel enquanto houve verba pública suficiente. Na fase de proliferação das organizações não-governamentais e de implantação do “Estado mínimo”, essas casas de cultura lutaram por poucos recursos das diferentes esferas de governos. A manutenção e modernização de algumas são devidas à criação das Associações de Amigos cujos conselhos consultivos são compostos por personalidades reconhecidas no mundo empresarial e intelectual. Hoje, o recém-criado Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), a mais nova autarquia do MinC que substituiu as funções administrativas e normativas do Iphan nesse campo, pretende expandir essa malha institucional.

5 O *Boletim* — com cerca de 42 edições — permanece fonte quase inexplorada para o entendimento das propostas e atividades da geração de preservacionistas que, liderada por Aloísio Magalhães, criou o Ministério da Cultura e consolidou-o durante a Nova República. O periódico foi editado entre 1979 e 1988 e difundia as principais realizações do sistema federal de preservação.

Lá, como aqui, a ajuda do setor público não era suficiente. O que fazia a diferença é que, na América, havia uma ampla faixa de público disposta a colaborar com a manutenção dos museus. Além disso, afirmava Seligman, àquela época, a frequência aos espaços museológicos americanos contava “cem milhões de pessoas por ano, curiosamente mais de que todos os eventos esportivos”.

No ano de 2005 foram festejados muitos fatos referentes à consolidação das ações de proteção do patrimônio cultural. Entre esses, estavam a criação do Centro Nacional de Referência Cultural e do Paço Imperial, unidades integrantes da Fundação Nacional pró-Memória.

Para comparar a frequência de público em museus no ano de 1988 na América e no Paço Imperial do Rio em 2005, verificou-se, em primeiro lugar que a renovação de uso do Paço Imperial, localizado na Praça Quinze, no centro do Rio de Janeiro, o transformou em centro cultural.

Segundo consta no Boletim, o edifício histórico foi “devolvido à comunidade” no dia 6 de março de 1985. O Paço, que antes sediava a representação regional, passou a ser administrado pelo Iphan, para abrigar “exposições, recitais de música, seminários, projeções de filmes, encenações teatrais, venda de produtos culturais, além de mostras sobre o edifício e as descobertas arqueológicas”.

Os atributos simbólicos, ao mesmo tempo imaterial e concreto, garantiram a relativa excelência, no cenário carioca, da programação dessa instituição que é um dos “principais centros de cultura do país”.

Em 2005, tendo realizado 429 mostras depois daquele ano inaugural de 1985, o Paço Imperial festejava duas décadas. O período de 7.300 dias foi marcado por uma média diária de 220 visitantes, totalizando 1 milhão, 608 mil e 492 pessoas e garantindo a assistência de 3.649 admiradores para cada exposição.

Em 2005 também foram programadas para o Paço várias exposições comemorativas das duas décadas de inauguração. Nessas atividades, o diálogo dos artistas com o museu, expresso nas relações dos trabalhos contemporâneos com espaços adaptados, foi um tema explorado de maneira didática. A programação foi montada com trabalhos de 20 artistas que marcaram a história de 20 anos da instituição e com a primeira exposição brasileira do escultor inglês Henry Moore.

A análise desses fatos demonstra que, no Paço Imperial, conforme rezava a perspectiva do Sistema Sphan/FNpM, o espaço para experiências transfigurava as condições físico-espaciais do antigo prédio com o moderno gerenciamento das exposições de arte contemporânea.

As observações e tópicos acima abrangem, de modo funcional, alguns princípios da Nova Museologia. Entretanto, ainda na dimensão social, o estudo dos movimentos de afirmação da Nova Museologia revelou a importância da formação dos Ecomuseus de Santa Cruz e do bairro de São Cristóvão que, no rastro da foram propostos para o município do Rio de Janeiro na década de 1980.

O projeto Bairro-Escola de Nova Iguaçu, tema da dissertação de mestrado do arquiteto e urbanista André Pinto, também foi objeto das análises quando foi observada a potencialidade da rede de escolas para a Educação Patrimonial e para o fortalecimento da musealização dos fatos de origem daquelas comunidades.

De modo semelhante, a avaliação qualitativa da exposição permanente do Museu da Maré sugeriu as reflexões sobre a importância e o impacto das representações simbólicas e idealizadas da “casa” em museus de comunidades. Verificou-se que, no

caso do barraco azul do Museu da Maré, seria possível fazer analogias com modelos referentes à essa tipologia expostos em museus de arquitetura.

Figura 6. Réplica de barraco no Museu da Maré. Foto Arquivo da Rede de Educadores de Museus.

A concepção do Museu de Orleans, em Santa Catarina, do arquiteto Alcides Rocha Miranda, e as formas expositivas do tipo Museu de Rua foram também associadas e relacionadas a outras iniciativas assemelhadas que, embora de modo esporádico e pontual, foram levadas a efeito pela Fundação Nacional *pró*Memória em outras regiões do Brasil no final da década de 1970.

A pesquisa dos museus modernistas ampliou o raio de abrangência dos estudos. Dentre os itens que as leituras sugeriram, além dos projetos de arquitetura de museus elaborados entre as décadas de 1920 e 1970, a produção das mulheres (museólogas e arquitetas) foi tema de interesse que teve resultados inéditos.

Na área de estudos de gênero, em paralelo às pesquisas sobre Heloísa Alberto Torres e Lygia Martins Costa, os estudos enfocaram os projetos de museus e as exposições de Lina Bo Bardi, Gisela Magalhães e Janete Costa.

Não há dúvidas que Lina Bo Bardi criou o caminho que Gisela Magalhães e Janete Costa trilharam.

Gisela transgrediu cânones expográficos, carnavalizando e exacerbando conceitos tradicionais no espaço expositivo. Na curadoria e montagem de exposições, Janete alargou sua produção de arquitetura de interiores — onde se apropriava de mobiliário e peças antigas para fazer contrapontos estilísticos — passando a utilizar artefatos populares para criar ambiências expositivas em hotéis, lojas e museus.

Dentre as reconhecidas linguagens expográficas renovadoras que essas arquitetas realizaram, é possível destacar a espécie singular criada pela arquiteta Janete Costa para a Igreja de São Lourenço dos Índios, em Niterói.

Embora elaborada de modo modernista exemplar, a “exposição” idealizada por Janete Costa pode ser associada às diretrizes da Nova Museologia, pois a arquiteta recriou a Via Sacra incluindo objetos de arte popular no ambiente minimalista da arquitetura colonial.

Assim, a associação e reeleitura da Via Sacra por meio dessas imagens recriaram a ambiência da edificação; portanto, transformou essas imagens em bens integrados que, por possuírem alto significado simbólico para o lugar, são os principais elementos definidores do real caráter da nave da igreja.

## **Conclusão**

Na dimensão espaço-temporal, hoje, as tradições e as perspectivas de passado estão radicalmente deslocadas. Nesse “universo” de novas configurações das trocas simbólicas, os espaços museológicos estariam a “jogar” um dos papéis protagonistas, pois as ressignificações de objetos e sujeitos transformaram os museus e as exposições em locais de interação social em nível global.

Procura-se reafirmar, em conseqüência, que edifícios, lugares e instituições se constituíram na origem das ações que priorizam a comunicação com o público. No entanto, a gestão, revalidação e reeleitura dos bens e acervos de naturezas várias

geraram, em tempos recentes, novos indicadores para a criação de lugares de memória.

Dessa maneira, na atualidade, a democratização dos museus transcorre em desdobramentos de espaços sociais e físicos difusos, o que permite novos recortes patrimoniais e diálogos expressivos da diversidade sociológica das instituições e das cidades.

Neste sentido, o estudo do desenvolvimento das formas de pensar a Cultura é fundamental para a verificação do papel dos agentes culturais e institucionais na elaboração das políticas de Estado para o setor museológico.

Nesse âmbito, artistas, produtores, curadores e animadores culturais, museólogos, funcionários — diretores e executivos — e especialistas reconhecidos controlam a promoção dos significados da Cultura. Assim, esses agentes e atores constituem e também fazem parte de uma rede financeira e profissional que, necessariamente, está a atender a interesses político-ideológicos, sejam estes de mercado ou institucionais.

Esses processos estão a exigir o uso “franco” das novas técnicas e a aplicação de métodos de projeto de arquitetura e de gestão alternativos, abertos e flexíveis. A inclusão social, daí decorrente, poderá gerar perspectivas de autofinanciamento e reciprocidade funcional, caso sejam produzidas, ao mesmo tempo, ações globais e comunitárias.

A amostragem dos estudos e pesquisas que este artigo registra demonstra que os modelos de museus privilegiam os recortes patrimoniais específicos (no caso dos museus monográficos); impulsionam as ações de revitalização e gerenciamento da informação de modo virtual e real (no caso da formação de museus “em rede”); e anunciam que os lugares de memória são configurados em função dos ambientes e dos problemas sociais das populações e respectivos patrimônios e territórios (no caso dos museus de cidade e de favela, ecomuseus, percursos e rotas culturais).

Em nível do ensino de pós-graduação, os objetos a focar seriam os processos tradicionais e as dinâmicas históricas, as políticas de gestão governamentais, os sistemas de museus, as narrativas expositivas e as bases dos discursos de difusão da ciência e da técnica.

Porém, os estudos também tornaram expostos problemas e dificuldades.

Observa-se, portanto, que, para ampliar os horizontes dos processos de projeção arquitetônica e de gestão democrática, além dos diagnósticos de avaliação que desvendem fatos físicos e mitos existentes, será necessário estudar outros olhares perceptivos.

Assim, para ampliar e renovar a produção de conhecimento da área da Arquitetura e da Museologia, à pesquisa e ao ensino do projeto arquitetônico dos novos “lugares de memória” deveriam ser integradas as diferentes linguagens que compõem outros universos disciplinares.

## **Referências Bibliográficas**

ACADEMIA. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 1999 - 2008.

ALBINI Franco. “A arquitetura dos museus e os museus e a urbanística moderna”. In revista Habitat ,1954.

ALOI Robert. Musei, Architettura i Tecnica. Milão: Hoepli Editore, 1962.

GUIMARAENS, C. "Museus, Arquitetura e Reabilitação Urbana". Comunicação apresentada no III Seminário Internacional Patrimônio e Cidade Contemporânea. UFBA/FAU, Salvador, 2002.

GUIMARAENS, C. "A arquitetura dos museus do Rio: análise comparativa de alterações físico-espaciais (1997-2007)". Palestra proferida no PPGAU Cidade-UFSC, 2007.

MONTANER, Josep Maria. "Museu contemporâneo: lugar e discurso", Revista Projeto nº 144 1991

REIS FILHO, N. Goulart. Quadro da arquitetura no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 1972.

SISSON, R. "Marcos históricos e configurações espaciais (um estudo de caso: os centros do Rio de Janeiro)", in Arquitetura Revista. Rio de Janeiro: FAU/UFRJ, nº 4, 1986.

PEVSNER, Nikolaus. Historia de las tipologias arquitectónicas. Madrid: Ed. Gustavo Gili, 1973.

TEIXEIRA COELHO. "Arquimuseus". In Revista AU, nº 31, 1990.

TUSQUETS, Oscar. "Templos anacronicos, el museo como casa del placer". In Arquitectura Viva, nº 40, 1995.

ZEIN Ruth Verde. "Duas décadas de arquitetura de museus". In Revista Projeto, nº 144, 1991.

ZEIN Ruth Verde. "Museus em sete versões". In Revista Projeto, nº 144, 1991.